

Atividade: conceito e utilização pelos terapeutas ocupacionais - docentes do Estado de São Paulo

Cristina Yoshie Toyoda

Lucy Tomoko Akashi

Docentes do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo conhecer o conceito e o uso que os terapeutas ocupacionais fazem sobre atividade. Foram entrevistadas terapeutas-ocupacionais docentes do Estado de São Paulo, através de questionários semi-estruturados. Os resultados mostraram que a ATIVIDADE é entendida como AÇÃO, subentendendo-se esta ação como FAZER. No entanto, os dados desta pesquisa apontaram que a atribuição dos significados para ATIVIDADE e OCUPAÇÃO não são divergentes, embora dificilmente um terapeuta ocupacional afirme fazer uso de ocupação.

Palavras-Chave: atividade, terapia ocupacional.

BREVES PALAVRAS...

O relato que apresentamos a seguir é uma condensação de uma pesquisa que realizamos entre

os anos de 1988 e 1989, contando com financiamento do CNPq.

Naquela época, várias questões acerca do uso da atividade e o conceito que permeava as concepções vigentes entre os terapeutas ocupacionais

e, principalmente, na nossa realidade brasileira estavam presentes nas nossas indagações.

A pesquisa, por ter se restrito aos terapeutas ocupacionais docentes do estado de São Paulo, talvez não possa dar uma visão abrangente da realidade brasileira. Apesar da escassez de material bibliográfico nacional, na época, pudemos ter um bom panorama do uso dos conceitos de atividade, atividade terapêutica e ocupação dentre nossos colegas docentes. E a referida escassez levou-nos a recorrer a autores estrangeiros para que subsidiassem a presente pesquisa.

Se realizássemos outro estudo hoje, talvez com acesso a uma gama mais ampla de material bibliográfico, acesso a manuscritos inéditos de Terapia Ocupacional dos nossos colegas docentes ou profissionais construíssemos um questionário bem diferente e a análise permeasse outras concepções.

Fica, no entanto, um registro histórico das iniquitações que nos motivaram a buscar e pesquisar um tema tão específico de nossa profissão.

INTRODUÇÃO

Na década passada os terapeutas ocupacionais refletiram sobre os modelos teóricos que norteiam a profissão e o significado do instrumental básico da mesma.

West (1984) afirma que a atividade é essência da vida e para Llorens (1984) a Terapia Ocupacional baseia-se na atividade propositada¹ ou ocupação.

Os termos atividade, atividade propositada e ocupação têm sido utilizados, indistintamente, como sinônimos pelos terapeutas ocupacionais americanos, ao passo que autores britânicos e canadenses utilizam o termo atividade.

No Brasil os profissionais têm se utilizado mais do termo atividade do que ocupação, apesar da existência de dúvidas conceituais.

O crescimento da profissão tem propiciado o aparecimento de modelos teóricos e formulações que modificam as concepções vigentes. Atualmente, uma das definições de uso corrente e de ampla aceitação por parte dos terapeutas ocupacionais no Brasil é de que a profissão faz uso de atividades para promover melhoras na esfera bio-psico-social do ser humano.

No presente momento o tipo de intervenção que os profissionais têm executado pode ser dividido em duas grandes etapas ou procedimentos:

- 1 - desenvolvimento da independência do indivíduo para o seu auto-cuidado (papel social privado);
- 2 - desenvolvimento do potencial do indivíduo para o trabalho (papel social público).

¹ Segundo Llorens o ser humano sempre tem um propósito ao executar uma atividade: a atividade propositada influencia o seu desenvolvimento e através da mesma o homem também consegue influenciar seu meio.

De acordo com Francisco (1988) os princípios teóricos da profissão foram organizados em torno da busca do significado da ocupação humana. Já em 1944, Haas, citado por Moss, falava que a característica normal do homem comum é a atividade, o trabalho, a produção de alguma coisa. Sob essa ótica a ocupação era empregada para canalizar a atenção e interesse do paciente no sentido da atividade, longe da ociosidade. E o tratamento era considerado bem sucedido se o paciente estava ocupado e envolvido. A idéia de que a ocupação era terapêutica foi usada para iniciar um processo de cuidado moral e social para pessoas com impedimentos crônicos (Gilfoyle, 1987).

West (1984) relaciona cinco domínios de atividades humanas: o primeiro seriam os jogos e suas modalidades; o segundo, atividades educativas; o terceiro, atividades de auto-expressão; o quarto, atividades de auto-cuidados ou da vida diária e a última, atividades pré-vocacionais que comporiam as bases da profissão.

No entender de Francisco (1988) a conceituação de atividade sofreu, neste século, quatro alterações: no início dos anos 40-50 o termo atividade significava exercício, sob uma perspectiva reducionista. Neste mesmo período, a atividade passa a significar também produção, sob perspectiva sistêmica. Na década de 60, a atividade passou a significar expressão, ganhando uma dimensão simbólica através da perspectiva psicanalítica. E na conceituação marxista a atividade é considerada como criação e transformação.

Torna-se importante compreender o conceito que está implícito quando os terapeutas ocupacionais se referem a atividade, atividade terapêutica ou ocupação.

Hampton (1981) afirma que a formação de conceito passa pela experiência pessoal e subjetiva. Em concordância com este autor, a partir da vivência dos terapeutas ocupacionais, torna-se possível buscar visões e conceitos dos mesmos com relação aos três termos acima citados.

Kilhofner e Barris (1986) visualizam quatro níveis hierárquicos na organização do conhecimento em Terapia Ocupacional: o **paradigma**, ou seja, o modelo da profissão estaria no nível mais elevado; nos níveis intermediários estariam os modelos **práticos** e no nível mais baixo, a **estrutura pessoal de referência**. Este último nível é o da identidade profissional, o conhecimento de dia-a-dia, ou seja, a aplicação do instrumento da profissão no atendimento diário. O conceito de atividade, atividade terapêutica e ocupação poderiam permear os níveis hierárquicos propostos pelos autores.

E os terapeutas ocupacionais brasileiros teriam uma visão semelhante ou diferente dos colegas de outros países? Há diferenças significativas em termos qualitativos nos conceitos supra citados? Na tentativa de responder às inquietações acima desenvolveu-se a presente pesquisa.

O objetivo do estudo foi o de conhecer a visão que os terapeutas-ocupacionais docentes do Estado de São Paulo têm a respeito de atividade, atividade terapêutica e ocupação.

MÉTODO

Escolheu-se como população da pesquisa de campo os terapeutas ocupacionais ligados ao ensino acadêmico, uma vez que se entende que as Universidades e Escolas caracterizam-se por sua produção e divulgação de conhecimentos. Optou-se pelas escolas do Estado de São Paulo por ser este o estado que congrega o maior número de escolas de Terapia Ocupacional no Brasil.

A pesquisa foi efetuada em duas fases. Foram entrevistados os docentes dos quatro cursos de Terapia Ocupacional existentes no estado de São Paulo.

Na primeira fase foram estudadas as respostas de 8 docentes (2 de cada escola). Deste estudo analisou-se a visão dos conceitos que os terapeutas-docentes tinham sobre os três termos. Uma das pesquisadoras foi ao local de trabalho dos docentes.

Na segunda fase utilizou-se um questionário contendo as escolhas de maior percentual do estudo da primeira fase. Ele consta de duas partes. Na primeira parte colocou-se os termos com os itens e sub-itens mais relatados para serem escolhidos. Na segunda parte solicitou-se aos terapeutas-docentes que preenchessem linhas pontilhadas dos termos atividade, atividade terapêutica e ocupação, tendo por base três tipos de atividade humana que foram escolhidas por caracterizarem, no modo de ver das pesquisadoras, respectivamente, uma atividade

estruturada, uma atividade expressiva e uma atividade da vida diária ou cotidiana. A segunda parte foi incluída para que se pudesse confrontar com os dados da primeira parte, verificando-se, desse modo, se as respostas não eram contraditórias ou incongruentes.

O mesmo tipo de procedimento foi adotado para coletar os dados da segunda fase, contando-se com um auxiliar de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 mostra a distribuição de respostas para o conceito de atividade. Observa-se que esta é considerada como AÇÃO por 67,5% dos docentes. Na Tabela 2 vê-se o sub-item AÇÃO é entendida como FAZER em 41,65% das respostas. Para a maioria dos terapeutas-docentes pesquisados, a atividade significa ação e esta é entendida como fazer.

Tabela 1 - Distribuição das respostas dos terapeutas-docentes para o conceito de atividade.

ATIVIDADE	N	%
Ação	25	67,57
Função	08	21,62
Outro(s)	04	10,81
TOTAL	37	100,00

Tabela 2 - Distribuição do maior número de respostas obtidas para os sub-itens do conceito de atividade.

ITEM	AÇÃO (24 respostas)	FUNÇÃO (8 respostas)
SUB-ITEM	Fazer	Auto-conhecimento
N e %	10 41,66	5 83%

Na Tabela 3 nota-se que a atividade terapêutica é considerada MEIO em 57,1% das respostas e DETERMINADA POR OBJETIVOS em 26,2% das respostas.

Tabela 3 - Distribuição das respostas dos terapeutas-docentes para o conceito de atividade terapêutica.

ATIVIDADE TERAPÊUTICA	N	%
Meio	24	57,14
Determinada por objetivos	11	26,20
Determinada por requisitos	05	11,90
Total	42	100,00

Quanto à ocupação, na Tabela 4 observa-se que é entendida como AÇÃO em 40% das respostas e EXPRESSÃO HUMANA em 34,2% das respostas.

Tabela 4 - Distribuição das respostas dos terapeutas-docentes para o conceito de ocupação.

OCUPAÇÃO	N	%
Ação	14	40,0
Expressão humana	12	34,29
Produção	05	14,29
Desvinculada do T. O.	02	5,71
Outro(s)	02	5,71
TOTAL	35	100,00

Na segunda parte confirmou-se os dados obtidos na primeira parte do questionário, ou seja, a atividade é entendida como AÇÃO, a atividade terapêutica como MEIO e a ocupação também é entendida como AÇÃO. Assim, constata-se uma coerência entre os dados obtidos nas duas partes da pesquisa.

Leontiev (1978) ao se referir à atividade diz que o conceito da mesma está necessariamente unido ao conceito de MOTIVO e AÇÃO seria o componente principal da atividade humana. Ressalta-se aqui a concordância dos dados do presente estudo com a conceituação dada pelo autor soviético. Breines, por sua vez, ratifica Leontiev pois afirma: "a atividade é definida como uma vigorosa ou enérgica ação, ânimo, um processo que um organismo participa em exercê-la em virtude de estar vivo, com um envolvimento da função mental" (Breines, 1984, p.543).

Vazquez (1977) também conceitua a atividade como sinônimo de ação e que a atividade é o oposto de passividade.

Por outro lado, a ocupação também foi entendida como AÇÃO juntamente com o item EXPRESSÃO HUMANA.

Cabe destacar que na segunda parte do estudo os terapeuta-docentes redigiram seu entedimento pessoal de atividade e ocupação. A similaridade das respostas dá indicativos de que no termo ocupação não existem discrepâncias tão significativas entre o conceito e sua utilização.

Pode-se questionar, no entanto, se atividade e ocupação, são sinônimos para os terapeutas-docentes. E mais, por que seriam sinônimos já que o uso corrente do instrumental básico da profissão, no Brasil, é o termo atividade. E ousa-se afirmar, de modo geral, que no senso comum, do dia-a-dia da profissão, dificilmente um terapeuta ocupacional afirma que faz uso de ocupação. No entanto, os dados do presente estudo apontam que a atribuição dos significados para os dois termos não são divergentes. Uma possível explicação para a convergência acima referida pode estar no fato de Vazquez ser um autor conhecido pelos terapeutas-docentes pesquisados, estendendo sua influência na conceituação dos mesmos.

Outro ponto a ser destacado é com relação aos percentuais significativos obtidos para o item AÇÃO para atividade e ocupação que poderiam indicar que apesar de dificuldades sentidas em se conceituar o instrumental básico da profissão, ou

seja, a ATIVIDADE, existe clareza e coerência nas respostas. Estes dados são importantes tendo em vista a queixa comum entre os terapeutas ocupacionais brasileiros de se conceituar a atividade. Talvez a dificuldade maior esteja em transmitir os conceitos e fazer com que os pacientes tenham a devida clareza e compreensão do que seja a profissão.

Breines (1984) ao se referir à atividade, diz: "o terapeuta ocupacional define sua prática através do instrumento que usa". E no seu modo de entender o conflito de identidade do papel profissional, pode ser uma das bases para as dificuldades conceituais.

Há, ainda, um uso indiscriminado por parte dos meios de comunicação para difundir os conceitos de ocupação e atividade, o que contribui para aumentar os equívocos conceituais na população geral. Popularmente, fazer "terapia ocupacional" tem conotação de lazer, recreação, preenchimento de tempo.

O termo ocupação difere da atividade, no presente estudo por vir acompanhado de um adjetivo. Não se tem certeza sobre os motivos que levaram os terapeutas-docentes a terem tal atitude. Pode-se hipotetizar que como popularmente terapia ocupacional tem a conotação mencionada no parágrafo anterior, os terapeutas-docentes adotaram esta atitude ao responderem ao questionário para desvencilharem-se dessa pré-concepção. Deve-se lembrar que no estudo-piloto evidenciou-se duas conotações populares: positivas e negativas. Nos aspectos positivos destacaram-se AÇÃO e

EXPRESSÃO HUMANA. Nos aspectos negativos: PRODUÇÃO e DESVINCULADA DO TERAPEUTA OCUPACIONAL. No item produção tem-se como sub-itens: PREENCHIMENTO DO TEMPO, INSATISFAÇÃO, CONDICIONAMENTO. Estes aspectos negativos podem demonstrar que os terapeutas-docentes referiam-se à OCUPAÇÃO como algo repetitivo e que não propicia um retorno para quem a executa.

No passado foi prática comum a laborterapia ou praxiterapia em grandes instituições hospitalares para ocupar os internos, utilizando o tempo ocioso dos mesmos e fazer uso da mão-de-obra disponível. E no dizer de Nascimento (1987) em muitos lugares as atividades empregadas não eram terapêuticas, mas só ocupação. Na mesma linha de raciocínio Lancman (1988) também constata que muitos pacientes não conseguiam distinguir o trabalho realizado na Terapia Ocupacional, com finalidade terapêutica e o trabalho braçal que realizavam em lugar dos funcionários. Na opinião das autoras tal prática confundiu não apenas os pacientes como também os funcionários e técnicos que não conseguiam distinguir a atividade terapêutica da ocupação exercida pelos internos.

Na origem da ocupação os autores americanos referiam-se a mesma como uma atividade física ou mental dirigida com o propósito de apressar a recuperação da doença ou trauma (Kielhofner, 1982). Ainda de acordo com este autor, as artes, artesanato e outras ocupações eram vistas como diversões, isto é, complementares aos exercícios, mas

que era fundamental ter este aspecto mais lúdico do estar ocupado.

De acordo com Francisco:

"o modelo de homem se adaptando ao meio social, possuidor de uma natureza ocupacional em sua essência foi substituído por outro modelo mecânico e progressivo linear. O entendimento de ocupação, como parte da natureza do homem foi esquecido, devido à necessidade de melhor explicar o uso das atividades." (Francisco, 1988, p.37)

O conceito e utilização do termo ATIVIDADE TERAPÊUTICA teve também congruência entre a primeira e segunda parte da pesquisa. MEIO é o item escolhido para conceituar o termo acima, entendido como TÉCNICA na primeira parte do questionário e como RELACIONAMENTO -VÍNCULO na segunda parte.

Isto mostra que os terapeutas-docentes conceituam atividade terapêutica como um MEIO para atingir uma meta de saúde, tal como afirma Kircher de que "os homens influenciam o estado de sua saúde, através da ação e ocupação" (Kircher, 1984).

E de acordo com Francisco (1988) a concepção de que a atividade terapêutica é MEIO decorre do entendimento psicodinâmico da ação, sustentado por Fidler e Azima, nas décadas de 50 e 60. A atividade terapêutica e o próprio terapeuta são recursos com os quais o terapeuta pode agir e reagir.

Na atualidade os terapeutas ocupacionais estrangeiros tem se referido à atividade propositada e não à atividade terapêutica (Allen, 1982; Breines, 1984; DiJoseph, 1982; Hopkins e Smith, 1984; Katz, 1985; Kircher, 1984; Willianson, 1982). Apesar de não haver unanimidade quanto ao entendimento do que seja atividade propositada, observa-se que a mesma está relacionada com a competência, a motivação, a um propósito, a um fim.

Apesar dos terapeutas ocupacionais-docentes não se referirem explicitamente aos itens mencionados pelos autores citados no parágrafo anterior, a escolha efetuada pelos terapeutas-docentes na primeira parte do questionário contempla, parcialmente, a menção dos terapeutas do exterior. De acordo com King **"a atividade propositada tem uma motivação intrínseca para fazer o homem agir"** (King, apud Steinbeck, 1986).

Se se remeter aos referenciais teóricos que norteiam as práticas dos terapeutas-docentes pode-se constatar, apesar da amostragem reduzida, que os conceitos apresentam à primeira visita, unanimidade.

Pode-se discutir, ainda, a metodologia adotada. Uma das Escolas de Terapia Ocupacional relatou dificuldades em responder dada restrição imposta pelo questionário, por não contemplar todas as concepções que norteiam a prática profissional. Outro fator mencionado foi a ausência do termo trabalho. Justifica-se tal ausência pois o mesmo não é de uso corrente entre os terapeutas-docentes. Na primeira parte do estudo utilizou-se um relato aberto, por escrito, dos terapeutas-docentes da UFSCar com

os conceitos de atividade, atividade terapêutica e ocupação. E através da análise de discurso obteve-se os principais itens e sub-itens da segunda parte do presente estudo. A opção pelo questionário foi evitar respostas abertas, muito amplas, dificultando as categorizações, as análises e quiçá, não mostrando resultados efetivos. Optou-se também por este tipo de pesquisa visto as dificuldades, sempre apontadas pelos próprios colegas em conceituar a profissão e o instrumento que se utiliza de uma forma objetiva. Outro fator determinante foi a constatação de que os conceitos poderiam ser amplos e genéricos dificultando as categorizações e um resultado efetivo.

E apesar do reduzido número de terapeutas ocupacionais-docentes pesquisados, pode-se verificar que há consenso entre os mesmos quanto ao uso dos termos **ATIVIDADE** e **ATIVIDADE TERAPÊUTICA**. Com relação à ocupação há distribuição maior de respostas nos itens e sub-itens, mas que parecem ser demonstrativos também de uma coerência no entendimento dos terapeutas-docentes estudados.

CONCLUSÃO

No período de 1988/89 constatou-se que os terapeutas ocupacionais-docentes pesquisados do Estado de São Paulo entendiam a **ATIVIDADE** como **AÇÃO**, subentendendo esta **AÇÃO** como **FAZER**. A **ATIVIDADE TERAPÊUTICA** era

considerada MEIO e a OCUPAÇÃO também foi considerada como AÇÃO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, C. K. Independence through activity: the practice of Occupational Therapy (Psychiatry). **The American Journal of Occupational Therapy**, v.36, 1982. p.731-739.
- BREINES, E. An attempt to define purposeful activity. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.38, 1984. p.543-544.
- DiJOSEPH, L. M. Independence through activity: mind, body and environment interact in therapy. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.36, 1982. p.740-744.
- FRANCISCO, B. R. **Terapia Ocupacional**. Campinas, Papirus, 1988.
- GILFOYLE, E. M. Creative partnerships: the profession's plan. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.41, nº. 12, 1987. p.779-781.
- HAMPTON, J. A. An investigation of the nature of abstract concepts. **Memory & Cognition**, v.9, 1981. p.149-156.
- HOPKINS, H. L. e SMITH, H. D. Uma perspectiva histórica em Terapia Ocupacional. **Willard and Spackman's Occupational Therapy**. 6.ed. 1984, Philadelphia, J. B. Lippincott, Co. Trad. J. M. Pinto e M. S. Hahn.
- KATZ, N. Occupational therapy's domain of concern: reconsidered. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.39, 1985. p.518-524.
- KILHOFNER, G. A heritage of activity: development of theory. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.36, nº. 11, 1982. p.723-730.
- KILHOFNER, G. e BARRIS, R. Organization of knowledge in occupational therapy: proposal and survey of the literature. **The Occupational Therapy Journal of Research**, v.6, nº. 2, 1986. p.67-83.
- KIRCHER, M. A. Motivation as fator os perceived exertion in purposeful versus nonpurposeful activity. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.38, 1984. p.165-170.
- LANCMAN, S. **O dilema do uso de atividades terapêuticas nos hospitais psiquiátricos brasileiros**. 1988. (mimeo).
- LEONTIEV, A. N. **Actividad, consciencia y personalidad**. Ed. Ciencias del Hombre, 1978.
- LLORENS, L. Changing balance: on environment individual. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.38, 1984. p.29-34.
- MOSS, J. K. **História da terapia ocupacional psiquiátrica**. Trad. Junia Jorge R. Cordeiro. s.d.

NASCIMENTO, B. A. **O mito da atividade terapêutica.** 1987 (mimeo).

STEINBECK, T. N. Purposeful activity and performance. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.36, 1986. p.529-634.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da praxis.** Trad. Luiz Fernando Cardoso, 2.ed. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

WEST, W. A reaffirmed philosophy and practice of occupational therapy for 1980's. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.38, 1984. p.15-23.

WILLIAMSON, G. G. A heritage of activity: development of theory. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.40, 1986. p.529-534.